

1

ATA GERAL
CONCURSO INTERNACIONAL PARA PROJETO ARQUITETÔNICO
DO MUSEU EXPLORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA UNICAMP

M
Ry
SA
K
Md

No dia 06 de julho de 2009, às 14:20, com a presença da Comissão Julgadora composta por Dr. Edgar de Decca (historiador e coordenador-geral da Unicamp); Dr. Marcelo Firer (diretor do Museu Exploratório de Ciências - UNICAMP); Dr. Paulo Valentino Bruna (arquiteto, FAUUSP, Brasil), Dr. Leandro Medrano (arquiteto, Unicamp, Brasil); Frederico Valsassina, (arquiteto, Portugal); Dra. Silvia Arango, (arquiteta, Colômbia); Dr. Jorge Wagensberg, (museógrafo, Diretor CosmoCaixa, Espanha) e Dra. Maria Cristina da Silva Leme, (arquiteta, FAUUSP, Brasil, foram abertos os trabalhos das cinco equipes concorrentes selecionadas para a segunda fase do concurso de arquitetura, a saber, Alessandro Muzi e equipe; Daniel Corsi e equipe; Fábio Boretti Araújo e equipe; Erik Lewitt e equipe e Tomohiko Amemiya e equipe.

No momento da abertura das pranchas, a Comissão Julgadora observou que as pranchas enviadas pela equipe liderada pelo arquiteto Fábio Boretti foram enviadas em tamanho A1, enquanto as pranchas das outras equipes participantes foram enviadas em tamanho A0. Todas as equipes enviaram cinco pranchas cada uma.

As pranchas e os CDS foram etiquetados e numerados, tendo recebido as seguintes numerações: Alessandro Muzi (número 1); Daniel Corsi da Silva (número 2); Erik W. Lewitt (número 3); Fábio Boretti Netto de Araújo (número 4) e Tomohiko Amemiya (número 5). Os projetos foram observados de forma geral.

Em seguida, a Comissão Julgadora estabeleceu dois presidentes de Banca: prof. dr. Marcelo Firer e prof. dr. Paulo Valentino Bruna; e procedeu a uma reunião para esclarecer e estabelecer critérios de avaliação. A Comissão Julgadora releu em conjunto os oito critérios constantes do Edital de 31 de março de 2009 (item 2.10 "Critérios de Avaliação") e debateu pontos relacionados a esses critérios. Observou que esses critérios dividem-se, de forma geral, em critérios de contexto (primordialmente itens 2.10.1 e 2.10.3), de função (primordialmente item 2.10.2), de sustentabilidade (primordialmente itens 2.10.6, 2.10.7 e 2.10.8) e de técnica construtiva (primordialmente 2.10.4. e 2.10.5). Além disso, a Comissão Julgadora decidiu analisar as pranchas da entrega da Primeira Fase do Concurso para apreciar os possíveis desenvolvimentos do projeto original.

M
N
Ca

Nesse momento a Comissão Julgadora decidiu os procedimentos e trabalhos a ocorrer na Defesa Pública do dia 07. Decidiu-se que: 1) a ordem de apresentações seria decidida por sorteio às 9:00 da manhã; 2) as equipes participantes não poderiam assistir nem às apresentações nem às argüições das outras equipes, a menos que já tivessem se apresentado; 3) cada equipe participante possuiria entre 20 e 30 minutos para sua apresentação; 4) seguindo à sua apresentação, cada equipe responderia às perguntas da Comissão Julgadora, até um teto de uma hora cada equipe.

Em seguida a Comissão Julgadora decidiu que ao longo dessa reunião, do dia 06/07 as quatro categorias acima mencionadas (contexto, função, sustentabilidade e técnica construtiva) iriam nortear as reflexões individuais e coletivas de seus membros. Procedeu-se assim à observação das pranchas de cada um dos participantes, a comentários individuais e coletivos e a anotações pessoais.

Essa reunião findou às 18:52, sendo que decidiu-se prosseguir com os trabalhos no dia seguinte.

Às 09:18 do dia 07 de julho de 2009, o diretor do Museu Exploratório de Ciências, prof. dr. Marcelo Firer abriu a cerimônia de defesa pública do concurso internacional para o projeto arquitetônico do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp. Mencionou as origens do concurso, seus objetivos principais, as suas duas fases e as respectivas comissões julgadoras. Além disso, indicou os procedimentos de defesa do dia de hoje e realizou os agradecimentos à Universidade e a todos que trabalharam para a realização do concurso público internacional de arquitetura.

A profa. Dra. Adriana Vitorino Rossi, diretora educacional do Museu Exploratório de Ciências, procedeu à abertura oficial dos trabalhos às 9:26, chamando a banca a tomar seu assento: Dr. Edgar de Decca (historiador e coordenador-geral da Unicamp); Dr. Marcelo Firer (diretor do Museu Exploratório de Ciências - UNICAMP); Dr. Paulo Valentino Bruna (arquiteto, Exploratório de Ciências - UNICAMP); Dr. Frederico FAUUSP, Brasil), Dr. Leandro Medrano (arquiteto, Unicamp, Brasil); Valsassina, (arquiteto, Portugal); Dra. Silvia Arango, (arquiteta, Colômbia); Dr. Jorge Wagensberg, (museógrafo, Diretor CosmoCaixa, Espanha) e Dra. Maria Cristina da Silva Leme, (arquiteta, FAUUSP, Brasil). Em seguida, a profa. Rossi convocou os representantes das equipes de arquitetura para o sorteio da ordem das exposições.

Realizou-se o sorteio em presença do público, sendo estabelecida a seguinte ordem. 1- Erik Lewitt ; 2- Fábio Boretti Araújo; 3- Daniel Corsi; 4- Alessandro Muzi e 5- Tomohiko Amemiya. Em seguida a profa. Rossi forneceu detalhes curriculares sobre os membros da banca e passou a palavra ao presidente da Comissão Julgadora, prof. Paulo Valentina Bruna, que pediu que os demais concorrentes se retirassem, por questões éticas, durante a apresentação de cada equipe, o que foi imediatamente acatado e realizado.

O arquiteto Erik Lewit iniciou sua apresentação às 9:42.

Em sua exposição, explicou o processo ("brain storm") por meio do qual sua equipe chegou a seus resultados. Partindo de um diagrama de paradigmas científicos e da troca e interface entre os indivíduos que não coexistem isoladamente, a equipe estabeleceu as noções que nortearam seu trabalho: 1) o efeito da ciência e da tecnologia sobre nosso ambiente natural (elevação nível dos oceanos, o aumento da temperatura global, a extinção de espécies); 2) o conceito de gabinete de curiosidades do século XVI e sua justaposição simultânea de "fatos científicos" 3) o objetivo de ser uma ponte entre visitantes e informação (educacional), e entre ciência e natureza 4) a noção de paisagem estendida, utilizando as possibilidades do bom clima 5) a organização a partir de uma linha do tempo que se distribui verticalmente.

Objetiva-se que o edifício seja descoberto um pouco a cada vez pelos seus visitantes, e que estabeleça eixos em relação ao campus e ao centro da cidade. Dividido entre parte de serviços, de usos públicos e as galerias em si (parte educacional, além de um jardim botânico), no edifício as estruturas mencionadas são sobrepostas (o gabinete, a ponte, etc. como "peles" dentro do edifício). As vistas apresentadas indicam os espaços utilizados indicando que o museu pode ser um lugar para diferentes exposições, internas e externas, em cortes internas, que interligam a movimentação das pessoas. Por fim explicou-se as plantas dos diferentes quatro níveis, seus espaços expositivos e utilização da iluminação.

A apresentação do projeto finalizou às 10:07. As perguntas apresentadas pela banca versaram sobre a localização do auditório, que parece externo ao restante do museu; sobre como é a organização interna ao auditório; sobre os materiais a serem utilizados no edifício (concreto e aço a painéis de vidro); sobre os custos do projeto; a relação entre o auditório e a entrada do museu; a relação entre a entrada e o lobby; sobre a acessibilidade; sobre a relação entre a "piazza" e a praça existente; sobre a ventilação e a proteção contra o sol. As questões e respostas finalizaram às 10:34.

Os trabalhos reiniciaram às 10:56 com a apresentação de Fábio Boretti.

O arquiteto explicou seu projeto, norteado por duas grandes condicionantes: as condicionantes geográficas (o antigo observatório, a topografia e sua inclinação e a paisagem) e a condicionante programática (o "chão público"), com coberturas em platôs que se desenvolvem pelo terreno. Indicou o acesso ao museu; a organização do fluxo controlado dos visitantes (o percurso, feito por rampas), que finaliza num topo "inundado pela luz" e a preocupação constante que reside nos usos públicos do espaço.

O arquiteto também explicou as diferentes cotas utilizadas no projeto, a ampla galeria de exposição, a "ponte" e os "eixos técnicos" que organizam os

espaços expositivos. Explicou o sistema construtivo baseado em concreto e em peles de vedação e a presença do conjunto verticalizado, que gera espaço de convívio coberto. O conjunto vertical tem funções de ateliê e administrativas e o material construtivo é o concreto.

A exposição finalizou às 11:24. As perguntas apresentadas pela banca versaram sobre a não visibilidade do edifício para quem está em passeio na praça (como gerar curiosidade em relação a um edifício que parece ser opaco, em especial a exposição temporária); sobre a localização do auditório, que está separado do café por um percurso muito longo; sobre as grandes "superfícies duras" em clima tórrido, sobre o material que envolve o cubo vertical e sua "pele" de proteção; sobre o motivo de o projeto optar pela construção de um volume vertical; sobre ventilação; sobre a relação entre os espaços expositivos e a presença das rampas; e sobre a localização dos estacionamentos e sua diferença entre o acesso por carros e o acesso dos pedestres. As questões e respostas finalizaram às 11:48.

Os trabalhos reiniciaram às 12:02 com a apresentação de Daniel Corsi.

O arquiteto expôs os princípios de relação entre homem e ciência expressa por meio da arquitetura, e a concepção do projeto como um fenômeno. O projeto se baseou na questão do lugar (localização, entorno e paisagem), como evento territorial e nas exigências de um programa de museu de ciências, que deve estar refletida no edifício, contida no espaço e expressa pelo prédio em si ("o percurso científico").

Referiu-se assim ao "museu como fenômeno e o fenômeno como paisagem", percebido à distância como ponto de luz, como um corpo com traço vertical que causa curiosidade pela entrada por meio da abertura (balanço). O museu é pensado como um elemento de ensino, sendo comprehensível em sua arquitetura pelo visitante. Mencionou os sistemas de ventilação e iluminação e seu impacto no conforto e economia. Explicitou os espaços internos de exposição, café, auditório, nanoaventura; e como dentre dele os olhares são definidos pela possibilidade de visibilidade e acesso. A parte estrutural se baseia em dois grandes vãos e numa estrutura que, exposta, explica a forma pela qual a arquitetura do museu é possível (por exemplo a abertura da entrada). Por fim, dentro dos conceitos de infinito e de repetição, a equipe desenvolveu e utilizou o fractal (Von Koch) para estabelecer a superfície (os módulos perfurados em 10 painéis industriais), superfície essa que possui função térmica, de iluminação e também simbólica.

A apresentação finalizou às 12:25. As perguntas apresentadas pela banca versaram sobre a cobertura geral do prédio e a camada externa e a vedação; sobre a ventilação e a iluminação controlada por brises; esclarecimentos sobre as aberturas (sobre o bloco ao meio aberto ao tempo); sobre os acessos e saídas de emergência; sobre os acessos à área técnica; sobre a escada que dá acesso ao observatório; sobre as possibilidades de

MX
yz
SP
Y
WP

6
Mia

ampliação e sobre a localização exata da administração, na área de chegada do edifício; sobre o custo da fachada e a possibilidade de industrialização e padronização das 10 peças ou painéis. As questões e respostas finalizaram às 12:41.

Foi realizada uma pausa para o almoço.

Os trabalhos reiniciaram às 14:39 com a apresentação de Alessandro Muzi.

O arquiteto apresentou as vistas gerais do edifício, salientando que o edifício localiza-se em cota abaixo ao local ocupado pela "praça espaço-tempo", sendo que várias de suas partes encontram-se semi-enterradas. Explicou a circulação interna ao edifício, a localização dos espaços (oficinas no subsolo, área administrativa), assim como os blocos para a exposição e o bloco de circulação para o público, incluindo os sanitários. Indicou a entrada do museu, a partir da qual se chega à recepção, à exposição multimídia (nanoaventura), e ao "café do por-de-sol".

O ponto alto ressaltado pela equipe são as três grandes caixas internas (três espaços para exposição) que possuem o controle total da iluminação (caixa-preta). Nas outras áreas, definidas por uma película que permite iluminação e ventilação naturais (ventilação cruzada, efeito chaminé), prevê-se uma circulação livre (percursos diversos) entre esses espaços fechados. O sistema construtivo prevê a implantação de lajes e um tirante que leva a que se circule nas áreas externas ao museu.

A apresentação do projeto finalizou às 15:03. As perguntas apresentadas pela banca versaram sobre a alteração nos brises utilizados entre o projeto inicial e este segundo; sobre as alturas diferentes entre os blocos de espaços expositivos; sobre o tamanho dos espaços expositivos; sobre as caixas fechadas exigem o ar-condicionado; sobre as condições de luminosidade nas áreas semi-enterradas, em contradição com o aspecto de transparência do edifício; sobre a possibilidade de as caixas serem ampliadas ou transformadas em uma área maior de exposição; sobre a circulação entre essas mesmas caixas; sobre a indiferenciação interna entre área de exposição permanente e temporária; sobre custos; sobre o afastamento entre o museu e a praça existente, que pode gerar uma circulação desagradável em dias de tempo inclemente; sobre uma futura ampliação do terreno; sobre o acesso às áreas expositivas; sobre a cobertura do edifício; sobre a localização do auditório e sobre a área de entrada e acolhimento do museu. As questões e respostas finalizaram às 15:38.

Os trabalhos reiniciaram às 15:59 com a apresentação de Tomohiko Amemiya.

O arquiteto realizou uma comparação entre os planos normais de museus (um corpo único) ou a proposta de vários espaços separados e interligados concebidos de forma discreta e porosa. Assim o sistema se mostra flexível, para os espaços existentes e para futuros usos. Baseado na área existente e na ocupação de sua parte mais alta, desenha-se o "colar": as jóias ou pingentes são os prédios existentes, e a "volta" do colar em si (o "loop") distribui esses prédios. O arquiteto expôs também os contrastes entre as áreas horizontais e em nível, e o uso da parede dupla - que usa contrastes entre luz e sombra - parede esta composta por tijolos, entendidos como material tradicional de construção do local.

Também explicou o sistema pelo qual a água de chuva pode promover a refrigeração do local e ser reaproveitada em cada um destas "caixas-pendentes" e os usos para cada uma, e a circulação entre elas a partir de diferentes percursos de diferentes durações. Procedeu a uma simulação de como seria uma visita a esse museu, desde a entrada, incluindo o auditório e a área de exposições temporárias parcialmente enterradas no terreno.

A apresentação do projeto finalizou às 16:22. As perguntas apresentadas pela banca versaram sobre a proteção contra chuvas para os visitantes do museu; sobre as impressões que um visitante a chegar teria do museu como um todo; e de seus espaços muito estreitos; sobre o conceito de um museu ao ar livre (um museu aberto); sobre os problemas de insolação e criação de micro-clima gerados pelas salas de exibição com as paredes de vidro; sobre o material das estruturas; se a visita recente ao local de implantação alterara as percepções que a equipe tinha de seu projeto; se o sistema proposto para o resfriamento das "caixas" de fato pode funcionar; sobre o controle de luminosidade desses mesmos blocos; e sobre um excesso de áreas de acesso ao museu gerando consequentemente a necessidade de ao menos 4 controles de acesso e controle de público. As questões e respostas finalizaram às 16:43.

Nesse momento o prof. Firer agradeceu a todos e em seguida a Comissão Julgadora retirou-se imediatamente para local reservado para realizar as suas deliberações. A partir desse momento, as equipes concorrentes colocaram-se à disposição para responder às perguntas da platéia, previamente escritas pelos interessados.

A Comissão Julgadora procedeu a uma complexa, rica e por vezes acalorada discussão, norteando a sua discussão pelas categorias mencionadas (contexto, função, sustentabilidade e técnica construtiva) e trocando idéias em várias rodadas de arrazoados. Houve um empate em primeiro lugar entre as equipes de Tomohiko Amemiya e Daniel Corsi da Silva, com os votos para a equipe primeira colocada assim declarados: Dr. Edgar de Decca, declarou voto em Tomohiko Amemiya; Dr. Marcelo Firer, declarou

W
M
SA
W
M

W
M
a

voto em Daniel Corsi da Silva; Dr. Paulo Valentino Bruna, declarou voto em Daniel Corsi da Silva; Dr. Leandro Medrano, declarou voto em Tomohiko Amemiya; Dr. Frederico Valsassina, declarou voto em Tomohiko Amemiya; Dra. Silvia Arango, declarou voto em Tomohiko Amemiya; Dr. Jorge Wagensberg, declarou voto em Daniel Corsi da Silva; e Dra. Maria Cristina da Silva Leme, declarou voto em Daniel Corsi da Silva.

Tendo sido constatado o empate, o prof. dr. Marcelo Firer, como presidente da Banca e Diretor do Museu Exploratório de Ciência, com aceitação procedural da banca, realizou o voto de Minerva, tendo optado pela equipe de Daniel Corsi.

A Comissão Julgadora chegou assim ao seguinte resultado de classificação dos projetos participantes:

Menção honrosa para a equipe de Fábio Boretti Araújo;

Menção honrosa para a equipe de Alessandro Muzi;

Terceiro lugar para a equipe de Erik W. Lewitt;

Segundo lugar para a equipe de Tomohiko Amemiya;

Primeiro lugar para a equipe de Daniel Corsi da Silva.

Tendo todo o processo finalizado às 21:20, e eu, profa. Dra. Cristina Meneguello lavrado essa Ata, assinam os membros componentes da Comissão Julgadora.

Dr. Edgar de Decca

Dr. Marcelo Firer

Dr. Paulo Valentino Bruna

Dr. Leandro Medrano

Dr. Frederico Valsassina

Dra. Silvia Arango

Dr. Jorge Wagensberg

Dra. Maria Cristina da Silva Leme

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.